

# DF na frente em transplante de fígado

*Saúde*  
**Angela Drumond**

O estigma de que o melhor hospital de Brasília é a ponte aérea — um velho jargão conhecido em todo o País — vem sendo combatido pelos médicos desta cidade. E, em especial, por um grupo de pesquisadores que avança a passos largos para transpor uma das maiores barreiras cirúrgicas da atualidade: os transplantes hepáticos.

“O fígado é o órgão que melhor reage aos transplantes, mas a cirurgia é a mais difícil que existe”, comenta um dos membros da equipe, o médico Ennemann Pimentel, presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Pediátrica, com especialização em transplante hepático pela Universidade de Cambridge, Inglaterra.

No Brasil, estima-se entre 5 mil a 9 mil o número de pessoas condenadas inexoravelmente à morte se não forem submetidas a um transplante hepático. Motivo mais do que suficiente para estimular as pesquisas nesta área, argumentou o médico. “O número de crianças e adultos que morrem por desenvolvimento de doenças congênitas e adquiridas no fígado é bastante elevado”, frisa.

“Não raro se vê na imprensa o envio de crianças aos Estados Unidos e Bélgica para sofrerem transplantes, e o preço médio de uma operação como esta varia de US\$ 170 mil a US\$ 200 mil. “Há algum tempo o Governo brasileiro bancava o custo total, mas agora só participa com US\$ 30 mil. Daí as campanhas movidas pelos familiares

junto à opinião pública”, lembra Ennemann Pimentel.

Além disto, países como os Estados Unidos dão preferência aos transplantes em seus próprios nativos. Com isto, o Brasil se viu diante da opção que lhe restou: pesquisas, aplicação clínica dos conhecimentos, formação de equipes altamente especializadas, disseminando a idéia dos transplantes em todo o território nacional.

“O treinamento de tão sofisticado empreendimento requer um grande número de especialidades afins que trarão benefícios extraordinários para a medicina local”, arrisca o médico. Para ele, isto inclui decobertas em diversas frentes, como na genética, das aparelhagens cirúrgicas, na hematologia, anestesiologia e da própria equipe cirúrgica.



Fotos: Mino Pedross

*Fígados nas mãos, os médicos se preparam para o momento decisivo do transplante*